

Um bom trabalho

por Mário Soares

No final da Presidência Portuguesa da União Europeia, podemos dizer, com total objectividade, que a nossa presidência, graças ao dinamismo e à eficácia que foi possível imprimir-lhe, foi um êxito, que muito prestigiou Portugal. Um êxito que tem um rosto, sem favor: José Sócrates.

Obviamente que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Luís Amado, deu um importante contributo, bem como os seus Secretários de Estado: Manuel Lobo Antunes, José Gomes Cravinho e António Braga, cada um na sua área respectiva. Bem como a diplomacia portuguesa no seu conjunto, tanto dentro como fora de Portugal. Foi um trabalho colectivo bem conduzido e coordenado que nos estimula o ego nacional e nos orgulha. Sem esquecer os responsáveis, pelas diferentes pastas ministeriais, que foram chamados a ter significativas participações.

Porém, quem arriscou, quem apostou tudo na grande tarefa que nos coube, num momento particularmente difícil da vida da União Europeia, pondo fim a um longo e insuportável impasse, foi o primeiro ministro, José Sócrates, com determinação, coragem, sem se poupar a esforços e – reconhecamo-lo – com verdadeiro savoir faire. Está, por isso, de parabéns.

Sei, por experiência própria, que os êxitos em política externa interessam pouco os portugueses. Chamei, para isso, a atenção do primeiro ministro logo no início da presidência europeia. Mas a tarefa – que aliás está longe de estar terminada – tinha que ser feita. E foi. Por forma excelente.

O Tratado de Lisboa foi subscrito por todos os 27 membros da União, incluído pelos representantes do Reino Unido. Sabemos com que reticências, apesar das concessões obtidas... Mas temos pela frente a questão das ratificações do Tratado e os riscos que comporta. É por isso que exigir agora referendos – quando há alguns Estados que, manifestamente, os não podem fazer – significa o mesmo do que pôr, sob o Tratado, uma bomba-relógio que despoletará a prazo.

Depois, como afirmou Sócrates, o Tratado não é um fim: é um ponto de partida para um novo impulso imprescindível na construção europeia: melhores instituições comunitárias; uma Carta dos Direitos Fundamentais, com efeitos vinculativos a que os europeus, sempre que necessário, possam recorrer; maior participação cidadã, em que todos os europeus se revejam .

Vamos acabar em beleza 2007. Em Bali, numa sessão patética, os Estados Unidos, a China e a Índia, aceitaram, finalmente, um acordo climático mínimo, em que o nosso Secretário de Estado, Humberto Rosa, em nome da União, se empenhou particularmente. Vem aí 2008, um ano particularmente difícil para o Ocidente, não o esqueçamos. Com uma crise financeira anunciada. Um ano muito difícil e complexo para Portugal, como parece óbvio. Vai exigir muito de Sócrates. Agora voltado, necessariamente, para dentro, a pensar nos mais pobres, nos desempregados, nos imigrantes, na saúde, na educação e na justiça, atento às questões sociais e ambientais com que estamos confrontados. Um novo - e decisivo - desafio que o espera.

Lisboa, 14 de Dezembro de 2007